

A CASA DO HOMEM DO MAR E A MENTALIDADE MARÍTIMA

MILTON SÉRGIO SILVA CORRÊA
Capitão-de-Mar-e-Guerra (RRm)

Desde os bancos escolares, somos informados sobre a importância do conceito da mentalidade marítima na formação do Poder Marítimo, aqui expresso como um dos fatores que compõem o Poder Nacional.

A geopolítica expõe, com clareza, a série de atributos necessários para que o país aspire a atingir níveis de prosperidade e conseqüente satisfação de sua população. Parece fácil indicar e selecionar o conjunto de fatores para que se agreguem, inter-relacionem e possam vir a formar o Poder Nacional.

Difícil – quase impossível – é fazer com que estes fatores se tornem realidade e profícuos. Melhor explicando, a dificuldade ou impossibilidade está em atingir o nível satisfatório de cada fator, pois um é dependente do outro e cada qual se afigura como um grão de areia na formação do monte.

Difícil – quase impossível – é obter que cada grão permaneça junto ao outro e não esparso, pois o monte inexistente sem a agregação.

A impossibilidade está em obter alguém que oriente a confecção do monte de areia e que também não o deixe esparramar por conta de uma ventania ou chuva forte.

Os percalços que afligem a nação são enfrentados com as proteções que se puderam agregar ao longo da vida, desde o nascimento.

A que corresponde mentalidade marítima – um grão pequenino – para se integrar ao conjunto do Poder Nacional?

A complexidade está, ainda, na subjetividade do conceito; se com fatores objetivos há dificuldade em encontrar seus devidos lugares, o que dizer do que não é palpável, visto, ouvido e sentido.

A abstração induz à formulação de idéias para se alcançar o objetivo (mesmo que subjetivo!).

Mas o que é mentalidade marítima?

Até aqui somente sabemos que ela é uma das parcelas do Poder Marítimo. Bem, ela faz parte de um conjunto que – associado, integrado e inter-relacionado – pode proporcionar ao país a satisfação de sua necessidade no setor, aí compreendidos navios e embarcações, vias de transporte marítimo, empresas e agências de navegação, portos e ancoradouros, pesca, pessoal no mar e em terra, equipamentos, escolas e ensino, ciência e tecnologia puras e aplicadas, esporte e recreio, estaleiros de construção, reparo e manutenção, a Marinha Mercante e a de Guerra e, agora, em grande evidência, o produto obtido no mar, no solo e subsolo marinho pelas plataformas!

Faltou mencionar a vontade política para se somar a este conjunto e fazê-lo funcionar com eficiência e harmonia.

A mentalidade a ser inculcada no povo é a de que todos esses fatores são importantes e necessários para a satisfação das necessidades da nação e que as **pessoas, nas suas devidas posições e esferas de competência, podem e devem se esforçar para que o objetivo seja atingido.**

Não nos parece possível alcançar este objetivo sem que o povo reconheça o Mar como fundamental para o bem-estar da nação.

Já nos alertava Rui Barbosa, na *Lição das Esquadras*, sobre a fundamentabilidade do Mar: “põe-lo Deus a bramir junto ao nosso sono para pregar que não durmamos... o mar é uma escola de força e de previdência... todos os seus espetáculos são lições, não os contemplemos frivolamente...”.

A tarefa de influir sobre a mente do povo é hercúlea, deste modo, reconhecendo nos-

as limitações, contentemo-nos com a esfera de competência que possamos atingir... Por vezes, tentando alçar vãos mais altos, acabamos não saindo do chão... Concentremos nossos esforços na Marinha de Guerra, onde a tarefa pode parecer factível, ainda que também difícil.

A missão constitucional da Marinha está bem definida e pode ser admitido que, cumprida de forma bastante razoável, isto é, com pessoal instruído e adestrado, material mantido em condições boas de operação, programas futuros imaginados com parcimônia e dentro das disponibilidades da Nação e lisura na gestão financeira. A Marinha tem planejamento cuidadoso e administração eficiente.

No aspecto que estamos abordando – mentalidade marítima –, a Marinha se esforça e procura atingir boa fatia da população, difundindo o conceito e tentando propagá-lo com os recursos que têm à mão: os espaços culturais, as exposições, palestras e participações nas comunidades e regiões sob influência e/ou jurisdição da Marinha.

Nos últimos anos, o Patrimônio Histórico e Cultural foi enriquecido sobremaneira pelo aumento do acervo e criação de uma Diretoria específica, mantida sob a tutela de historiador reconhecido no País e no exterior. O crescimento do setor foi bastante expressivo e o serviço que trata da matéria recebeu apoio da administração naval, alçado a nível nunca antes atingido na história do País.

Mas então?... O que ainda almejamos? Onde pretendemos chegar com esta ladainha? Ah!

À Casa do Homem do Mar...

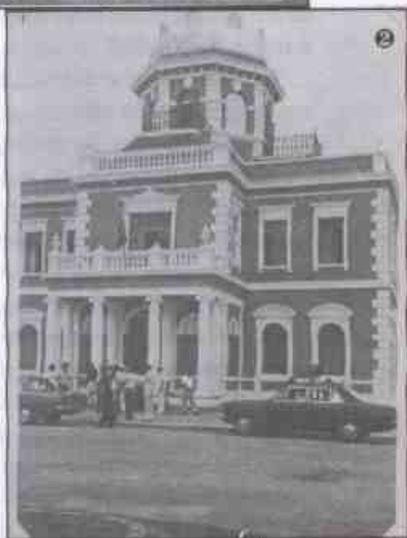
É aquele grão de areia adicional no conjunto do qual tratamos antes – o Poder Marítimo, componente do Poder Nacional.

I. N. A.: A Zona Econômica Exclusiva fez aumentar o “território” brasileiro em cerca de 60 %.



TRÊS INSTANTES DA CASA DO HOMEM DO MAR

- ❶ - Em 1975, antiga Alfândega, abandonada há alguns anos.
- ❷ - Em fevereiro de 1982, inauguração da Casa do Homem do Mar.
- ❸ - Em 2001, Agência da Receita Federal.



Como e por que fazê-la existir? E para quê?

Bem, ao homem do mar, marítimo mercante ou de guerra, não parece tão difícil convencer... Ledo engano!

Poucos, muito poucos pensaram sobre a questão, nem atentaram a respeito de como isso pode contribuir para si e para a Nação. Tantos e tantos anos se passaram sem que a existência da Casa tenha influído na sua vida e ... que pretensão e ousadia ... na vida da Nação!

Alguns países fundaram e possuem os *Seamen Club* ou outros nomes para designar o que estamos chamando de Casa do Homem do Mar. E por que imaginamos que tal existência possa contribuir para a vida e o poder da Nação?

Para comprovar a tese, temos que remontar há alguns anos, quando ingressávamos na Marinha, na década de 1950...

Na chegada ao porto, após algum tempo no mar, a recepção pelo pessoal de terra, usualmente, não tinha o sentido de oferecer ou de orientar para o relacionamento com a sociedade. Os oferecimentos de alguns clubes sociais representavam, contudo, o esforço dos que nos recebiam para a conveniente confraternização.

Esse procedimento era mais comum quando das viagens de instrução com aspirantes e guardas-marinha.

Navios escoteiros, em comissões não regulares, usualmente não eram recepcionados com o mesmo enfoque. Houve ocasiões em que as tripulações constituíam embaraços para o pessoal de terra!

Em um ou outro porto eram colocadas à disposição instruções para orientação sobre turismo, transportes e outras informações.

Mas, salvo o esforço pessoal de alguns, os navios não representavam uma alegria para os militares que estavam servindo em terra.

À época dos cruzadores, era necessário formar grupo de serviço de escolta para policial e para melhor controlar a guarnição, pois ocorriam desordens, alterações e excessos de bebidas.

Na maior parte das vezes, as questões eram solucionadas pelo próprio navio, havendo, no entanto, ocasiões em que os fatos eram alçados à esfera policial e de justiça.

Com os demais navios, de porte menor, não havia muita diferença.

Como imaginar que pudesse ter sido diferente?

Bem, a solução imaginada ficou com as capitânias dos portos, suas delegacias, agências e capatazias, porque são elas que se relacionam com as comunidades e sociedades, de modo amplo e expressivo. Elas interferem nas cidades e regiões onde estão sediadas e fazem parte da sua vida, independente de suas vontades e disposições. O grau de interferência depende, por óbvio, da personalidade que estiver à frente da organização, como do porte do município em que estiver situada.

Para exemplificar, encontramos exemplo em uma pequena cidade cuja vida dependia e girava em torno do porto.

Um dos subalternos era presidente de um clube social; aos fins de semana eram realizados bailes pagos, bem controlados pela diretoria para que não ocorressem problemas de qualquer espécie. Alguns militares freqüentavam o clube com suas famílias e este passou a ser um ponto de referência.

O capitão dos portos, observando o fato, incentivou também o esporte e, com ajuda da municipalidade, construiu a primeira quadra poliesportiva com iluminação da região. Em curto período, o clube difundiu a prática de esportes também aos municípios vizinhos e as festas de fim de semana passaram a ser mais concorridas.

Aí estava o embrião – marítimos mercantes e de guerra (estes em maior participação) tornaram-se freqüentadores do clube. Antes disso nada lhes era oferecido... A prática de esportes, em diversas modalidades, foi incentivada e ganhou impulso; o município participou de jogos estaduais e, surpreendentemente, obteve o 2º lugar, à frente de comunidades bem maiores e com mais recursos.

Quase uma década se passou e aquele oficial assumiu outra capitania – maior e cujo porto era freqüentado por uma centena de navios por mês, a maioria estrangeira. As facilidades no setor esportivo e social eram boas e suficientes para atender os militares que aí residiam ou os que entravam ao porto.

Mas como integrar o marinheiro mercante de qualquer nacionalidade e como lhe proporcionar estas facilidades?

A **Casa do Homem do Mar** foi a solução concebida, utilizando antigo prédio em ruínas de propriedade da União. Belo exemplar de arquitetura do início do século, com área construída de cerca de 1.500 m² e próximo ao porto.

Foi realizada a restauração com recursos proporcionados pelo Ministério da Marinha, governos do estado e do município, Administração do porto e sociedade local.

A Casa oferecia; posto bancário, com câmbio de moedas; agência estadual de turismo, com recepcionistas bilíngües; salão de jogos, com lanchonete e bar; salão de leitura; salão com televisão e música; poucos quartos para alojar hóspedes eventuais; sala com exposição de peças marítimas antigas e divulgação de parte da história local; facilidades de comunicação telegráfica/telefônica.

A administração da Casa cabia à Sociedade dos Amigos da Marinha (Soamar) e, para prover recursos financeiros regulares, foram alugadas salas e acertada, com as empresas/agências de navegação, módica contribuição por navio que demandasse ao porto (US\$ 5). Mais tarde, essa ínfima contribuição foi cancelada, à instância de autoridade do Ministério da Marinha, que, obviamente, não compreendeu o propósito a que se destinava a Casa!

Mas a idéia básica foi lançada e a Casa do Homem do Mar do Paraná funcionou durante alguns anos...

Não podemos precisar quando ela deixou de existir, pois, em data recente, o prédio foi retomado pela União e hoje serve à Receita Federal.

Bem, a Casa do Homem do Mar pode atender a alguns propósitos: tentar integrar o homem do mar à sociedade, proporcionando relacionamento que hoje inexistente; incentivar o setor de turismo e o comércio da região; permitir que a sociedade local ou regional passe a ter contato com outras culturas e costumes.

Com a Casa do Homem do Mar, é possível imaginar que o homem do mar possa passar a ser tratado e visto como importante fator da atividade econômica e social, contribuindo para o fortalecimento do Poder Marítimo.

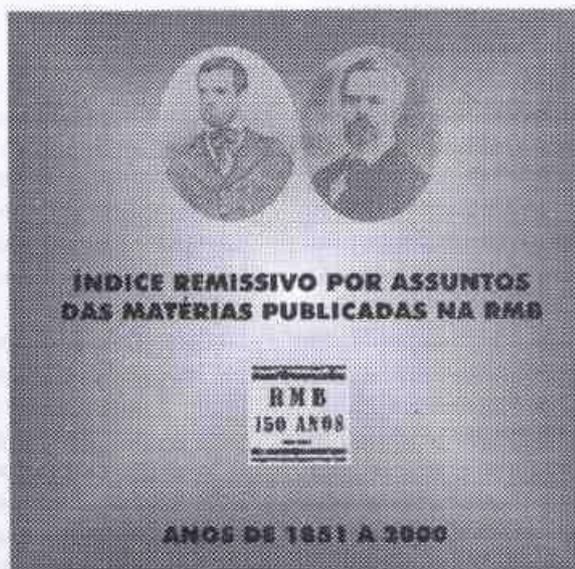
Finalmente e concluindo, é preciso admitir que não se prevê facilidade para execução da idéia, mas nunca se imaginou que este objetivo possa ser alcançado sem esforço e desprendimento, e como dissemos no início, é fundamental que cada um identifique e cumpra o papel que lhe cabe no conjunto do Poder Nacional...

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<PSICOSSOCIAL> / Assistência Social / ; Casa do Marinheiro; Casa do Homem do Mar; Soamar-PR;

“Agora ficou mais fácil localizar aquela matéria que li na *Revista Marítima Brasileira* e que vou pesquisar para escrever o meu trabalho”

Vem aí o CD Índice Remissivo por Assuntos de todas as matérias publicadas desde a sua fundação até o ano de 2000



Fácil de ser consultado, as matérias nele encontradas poderão ser pesquisadas na Biblioteca da Marinha, que possui a coleção completa da Revista

Reserve já o seu
Envie e-mail para: sdm14@sdm.mar.mil.br